



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05592008GRC



Galato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

19 de Dezembro de 2009 • Ano LXVI • N.º 1716
Preço: € 0,33 (IVA Incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



A Celebração do Natal
é sempre motivo para que a esperança se renove no coração do homem.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Num berço

NO tempo natalício, pode experimentar-se a ausência do Seu centro — Jesus Menino — conosco, e os meninos d'Ele. Vários casais têm-nos feito pedidos, logo desfeitos, de crianças, para passarem essa quadra; pois, somos uma Família!

Vai-se desencadeando, com a sua proximidade, uma efervescência acrescida nas emoções e compaixões. Isto sucede, também, entre os filhos que se abrigam nas nossas asas.

É um acontecimento que toca até os mais distantes, nas sociedades de matriz cristã, em que é contagiante o ambiente humano e comercial, festivo. Na Europa, há quem queira trocar o Crucifixo pelas abóboras do halloween...

Na verdade, o Natal marcou a identidade das civilizações; que, actualmente, no Ocidente, se vê confrontado com a islamização. Entre nós, vai-se notando, levemente, nalgumas raízes, de africanos, esse desafio.

Da Guiné-Bissau, um dos dez Países mais pobres do mundo, onde há muitas carências, alimentares, de saúde, entre outras, necessidades gritantes, alguma emigração tem despertado o acolhimento de alguns filhos, desamparados.

O pai e a mãe estão separados pelo Oceano; e procuram um futuro melhor para eles, que não lhes podem dar, dada a precariedade laboral e de residência. Não os abandonam, de vez; mas, as crianças precisam de muito acompanhamento e cuidados de saúde, específicos.

Por dois meninos, de 3 e 2 anos, cujos parentes, aflitos, nos picheram, fomos estar com eles, para ver e sentir tais *presépios*, vivos.

A propósito, a crescente valorização deste sinal, também artístico, é um indicador interessante, contrário à publicidade desviante do verdadeiro sentido da Encarnação.

Na verdade, somos convidados a acolher o Deus vivo, o Emanuel, não só no cabo do ano. Nesta linha, encontrámos aquelas crianças em situações dolorosas, de distância geográfica, de ambos os pais, e de doença, no mais pequenino. Acabámos por receber um deles; que, entre outros, é um dos nossos meninos, de carne e osso, a beijar, por sinal, repolhudo.

Tais encontros deram-se nas proximidades de uma área, em cuja abrangência hospitalar, embora a maioria dos médicos seja, felizmente, objectora de consciência, com a lei vigente, já se registaram, em clínica particular, mais de 4 mil desmanchos...

Não houve lugar para esses meninos e meninas, nas casas e famílias deste País? Outros, mais frágeis, vêm ocupando os nossos corações e acções.

A outra mãe, que clamou ajuda, veio tratar o seu filhinho, débil, com uma doença cerebral. Vimo-lo, num berço, em choro contínuo, partilhando um quarto, precário. Este *presépio*, que contemplámos, não se

Continua na página 2

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

NA próxima semana será o Natal, a Celebração do Nascimento de Jesus, o Filho de Deus e Filho do homem.

A nossa atenção, mais, a nossa consciência, volta-se toda para a Infância, para as crianças.

Elas que têm os seus Direitos Universais, o preto no branco, registados, para que todos saibam da sua dignidade. Mas quê?, como todas as coisas grandes neste mundo, também eles se revestem realmente de utopia.

Seja por miséria moral ou pobreza material, os direitos das crianças que vêm a este mundo ou os daquelas a quem não é permitido nele viver, porque as não deixam nascer, andam tortos tal como aqueles que os entortam.

Ao invés, o paradigma da criança como sujeito intocável, levado que foi, e está sendo, ao

extremo, tem criado seres desequilibrados e anti-sociais de quem os adultos se tornaram vítimas. Lembro-me delas nas escolas, nas famílias, nas ruas...

A Celebração do Natal é sempre motivo para que a esperança se renove no coração do homem. O Menino vem alimentar e ser a nossa esperança, e confirmar-nos na Promessa da futura realidade.

Mas Ele vem também para lançar o fogo à terra. Um fogo que queima e purifica deixando a descoberto a verdade da vida. Verdade que nem todos vêem e nem todos desejam, como o demonstram os acontecimentos da Sua infância.

Cada criança é uma verdade. Por vezes verdades arrepiantes. Uma criança que sofre é-o sempre. Sinto-o todas as vezes que levo um dos nossos pequenos ao

seu controle de sangue, e presinto-o em tantas outras situações ainda mais graves que a dele.

Estas verdades deviam estar mais expostas à consciência da sociedade. Deviam ser luz sobre o alqueire. A criança é quem tem mais poder de tocar os corações endurecidos e de lhes provocar um rebate. Decerto vistes o caso daquela mulher suicida a quem o sorriso de uma criança desarmou e recuperou para a vida, no momento em que a morte mandava!

Por uma Criança veio a Salvação ao mundo. Nas crianças está a força de mudança deste mundo doente e envelhecido para um futuro com nova esperança. Os que são como elas têm parte decisiva nesta força, e verão a realização do Tempo Novo prometido. □

PROBLEMAS DO MUNDO PRISIONAL

Padre João

DESTA vez, aquele encontro foi mais breve, mas mais profundo. O nosso recluso vinha deprimido e triste. Até à distância isso era perceptível.

Problemas do mundo prisional, de um dia-a-dia difícil de entender, invisível à sociedade.

Há um punhado de mãos unidas — os visitantes prisionais — que, mediante um trabalho discreto, se apercebem e comunicam, com alegria e respeito, com aqueles rostos marcados por noites de insónia e antidepressivos: São profetas do nosso Tempo de Advento!

Disse-me dos seus problemas e pediu-me que o conteúdo das suas confidências fosse considerado como uma confissão... Vi que ainda não esqueceu a doutrina sobre a culpa; pude perceber e tocar o enorme desejo de ser perdoado para alcançar a paz. Perdão de Deus!

O que o magoa mais é a solidão a que estão sujeitos os seus dias de pena, embora seja perceptível, no ambiente e nas pessoas que o rodeiam, um grande esforço de humanização — para que não se perca o melhor que habita o homem: A fé no amor, na bondade do seu semelhante.

Perguntei pela sua mãe: «A minha mãe é uma santa!...», respondeu emocionado. Estas «canonizações» feitas na experiência do sofrimento, são o melhor processo para reconhecer a distância da santidade própria e apreciar a santidade dos

outros: «Vir aqui é difícil, como tanto precisava e ambos desejávamos!...»

Ali, como em todo o mundo prisional, a vinda do Papa a Portugal é a notícia mais comentada e vivida com muita expectativa, é o sonho da comutação de penas a preencher um imaginário de liberdade indescritível.

Vive-se um exercício de memória permanente em que a gravidade dos delitos de cada um é comentada com o exercício da justiça no exterior, exercida pelas várias magistraturas. Os julgamentos mediáticos são muito observados e as penas aplicadas pela Justiça, objecto de muita crítica, sobretudo em relação ao caso de cada um. O sentido da Justiça está muito presente em cada um com uma acutilância quase obsessiva. A descrença, nesta área do humano, é perturbadora, como facilmente se compreende.

O desejo de libertação, de regresso à paz nem sempre vai a par do caminho de reabilitação pessoal de cada um. É muito difícil, num meio humano tão numeroso e de delitos tão diversos não falhar no caminho da recuperação. É um trajecto de avanços e recuos inevitável.

Fiquei satisfeito ao saber que se encontra a estudar no programa «Novas Oportunidades» ali implementado. Como brilharam os seus olhos ao recordarmos, ambos, o modo como a sua Directora de Turma o considerava e nas capacidades que — sem favor — lhe

reconhecia. A dureza da vida a que algumas crianças são sujeitas, foi um facto que também o atingiu, principalmente na família e na mais decisiva idade: A Infância...

Permita Deus que os meios que o Estado e a sociedade proporcionam na difícil recuperação destes jovens, e outros, em meio prisional, se revelem eficazes...

Ao regressar dali, vim a meditar melhor na mensagem dos textos bíblicos do Advento; na experiência humana e de fé de tantos dos Autores sagrados que os escreveram... nas dificuldades, incompreensões e perseguições até — quantos deles sofreram!...

Quanta esperança, sonho de um mundo melhor, mais humano; de um universo mais harmonioso que tanto desejamos e precisamos, mas que tanto retarda, se não encontramos nos seus escritos sagrados e piedosos, como bálsamo para as dores da vida e nutrição da alma!...

Que neste Natal o nosso recluso, ainda tão jovem, e tantos outros que, como ele, povoam as nossas cadeias de forma assustadora, não desanimem e sintam em pessoas concretas a concretização de alguns sonhos dos profetas a realizar-se nas suas vidas. Que o Deus próximo em Jesus de Belém e Nazaré, sejam luz do seu Natal. Permita Deus que ninguém os prive deste acesso humano e de fé... O seu Natal seria truncado e vedada a respiração da sua ânsia sublime de liberdade autêntica. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O DESPOJAMENTO DO NATAL E OS «NOVOS RICOS» DO SOCIAL — Vem aí o Natal. Para quem tem uma concepção cristã desta quadra cabe o dever de praticar e de lembrar uma das suas mensagens centrais: o despojamento dos bens e poderes deste mundo. Não deveria ser assim, mas infelizmente esta lembrança também é para quem anda nestas coisas do social, incluindo gente da própria Igreja. Hoje fala-se cada vez mais do social. Quase não há semana onde não aconteça mais um colóquio, seminário ou conferência sobre “inovação social”, “qualificação”, “sustentabilidade” e outros termos na moda neste mundo das organizações de solidariedade social. Não queremos desvalorizar a importância destas coisas, tanto mais que procuramos colaborar activamente com pessoas e organizações de boa vontade que se esforçam por fazer mais e melhor neste sentido, ajustando-se às características que os problemas sociais têm nos dias de hoje. No entanto, do que vamos vendo por aí nesta faina fica-nos a impressão de que, infelizmente, no meio disto da “inovação social” e da “qualificação das organizações de solidariedade social” há cada vez “novos ricos” e “vendilhões do Templo”. Inovar não pode ser achar que o que é “velho” não presta e que só o que é “novo” é que é bom. “Qualificar” estas organizações não pode ser achar que isto se resume a admitir e a formar “técnicos” e a implementar “sistemas de gestão da qualidade”, esquecendo que nesta área a qualidade suprema da qual todas as outras devem derivar é da capacidade de serviço ao próximo. Inovar e qualificar não é andar nisto para ganhar poder e protagonismo pessoal ou até mesmo para enriquecer por inéus duvidosos.

Inovar e qualificar neste mundo das organizações de solidariedade social deve ser regressar ao Presépio e à sua mensagem de despojamento dos bens e poderes deste mundo. A Igreja tem uma presença muito importante na área social, onde estão a entrar cada vez mais pessoas e organizações doutras proveniências. Nesta situação, em vez de embarcar acriticamente em modas, ou de ver nisso medrosamente alguma concorrência, o que deve ser feito é praticar e afirmar o que tem que ser a principal especificidade cristã que é a mensagem do Presépio, ou seja, andar nestas coisas sempre com despojamento dos bens e poderes deste mundo.

Para todos os nossos queridos Leitores, votos de um Santo e Feliz Natal.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

Campanha de Assinaturas

O envelhecimento da população, que é um gravíssimo problema nacional a urgir políticas adequadas, também nos atinge. Quase todos os dias o correio traz notícia de mais um Assinante que partiu — o que motivou uma voz saída da comunidade a bradar por medidas: «É preciso voltar à Campanha de Assinaturas».

O «vamos para os cinquenta mil» foi palavra ainda de Pai Américo que o Júlio Mendes tomou a peito; e, posta em prática, dos trinta e cinco mil que era então a tiragem quinzenal d'O GAIATO, fomos crescendo e chegámos a passar os setenta mil. A última contagem, há semanas, deu quarenta e oito mil jornais naquela quinzena. É um número muito significativo, mas queremos travar a sua tendência decrescente. Por isso — e porque certamente não vamos silenciar este assunto nas próximas edições — permito-me hoje esta sugestão, para já a realizar em família: Ao receberdes o postalzinho RSF que sairá quando o presente jornal, promovi a Campanha junto de filhos e netos e outros familiares para que O GAIATO faça também parte da vossa herança, que ele é um valor espiritual cujo bem conheceis por experiência própria. Aliás, é reflectida dos seus leitores a consciência que também nós temos deste bem e a vontade de que ele não se perca.

E até ao próximo recado.

Os Rapazes da Administração

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

devia deslocar; pois, tal berço é um pequenino *calvário* em que a mãe e o menino não se podem desligar.

Esta imagem, viva, foi tão forte que acabou por suplantar o encontro do outro rebento, sereno, no nosso regaço, em viagem. Tentámos chegar a Casa ainda com a luz do dia e o calor familiar, para ele ver os novos horizontes.

Entretanto, não é que o Divino não conseguiu ceder a sua camita, num cantinho!... Porém, o Victório deixou-a e alegrou-se, aos pulos, com todos, pela vinda de outro irmão.

Se não fosse atravancar um quarto, na casa-mãe, ou da mãe, como também a apelidam, tínhamos resgatado um berço, antigo, de madeira, largo e em tom azulado, qual manjedoura, de outras criações, deslocada pela voragem do tempo, para sítio recôndito.

Com a Luz de Belém e na esperança do pão de cada dia, do berço de uma Obra que tem o sinete do seu nome marcado pelas misérias da Rua, continuamos a esperar acolher e a amar os últimos, como alguns meninos, de Jesus! □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

70 ANOS DA NOSSA CASA — A nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo está a perfazer 70 anos de vida! De facto, a 7 de Janeiro de 1940, deram entrada os 3 primeiros Rapazes, na Quinta de S. Brás, que Pai Américo comprou com muito custo. Está previsto um programa, simples, para marcar esta data. Foram acolhidos, na nossa Família, mais de mil Rapazes, orientados por vários Padres e Senhoras, com a ajuda dos nossos Amigos.

CONTACTOS — Várias vezes nos têm perguntado quais são os nossos contactos. Eles aí vão: Casa do Gaiato de Miranda do Corvo,

Bujos, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef. 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: HYPERLINK "mailto:gaiatomiranda@sapo.pt" gaiatomiranda@sapo.pt.

AGRO-PECUÁRIA — O tempo chuvoso e o vento forte têm dificultado a apanha das azeitonas e uma parte delas foi caindo no chão. Ainda falta a colheita nas oliveiras da *terra dos grilos* e do *olival da mina*. A safra tem começado com a colocação dos panais, no sopé das árvores; que, depois, são varejadas. Entretanto, juntam-se as azeitonas e recolhem-se em poceiros (cestos). Depois do transporte para o armazém, é limpa

das folhas que restaram e colocada em dornas, grandes, onde se conservam com água, que é mudada, e algum sal, até serem levadas para o lagar de azeite.

As tangerinas, nas árvores, têm sido uma tentação para alguns, que se vão *vacinando*, quando os frutos devem ser para todos...

JOGOS — O jogo do berlinde, no poço, tem cativado a preferência dos Rapazes pequenos e médios. Quando aproveitam tempo livre, vêem-se muitas vezes a jogar uns com os outros, a refilar. Ao fim da tarde, antes do Terço, brinca-se às escondidas. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Pai Américo, não gostava que chamassem aos seus filhos *internados*. «(...) *Eu quero que eles vão. Que se mostrem. Que falem. Que sejam os incendiários a propagar o fogo. Aquele fogo que o Filho do Homem veio trazer*».

Se fosse possível, a algumas mães (...), ver-nos com os seus próprios olhos, podia acontecer-lhes como àquela que desmaiou, quando viu o seu filho a sorrir. «*Eu nunca tinha visto o meu filho a rir-se*».

Na Casa do Gaiato, saltamos e pulamos; rimos e choramos como aqueles que, aparentemente, nada lhes falta, apesar de não terem, muitas vezes, a alegria e a boa disposição, que reina no seio deste grupo de trabalho.

Pode, eventualmente, haver um ou outro, menos bem preparado para certas contrariedades, mas... nunca

pior! O tempo, tudo esclarece.

Para fazer a vontade a Pai Américo — e não só, claro! — fomos, esta época, fazer o nosso primeiro jogo fora de portas. Deslocámo-nos aqui bem pertinho de nossa Casa, para defrontar mais uma equipa da A. F. Porto, os Juniores do U.S.C. Baltar, no seu próprio campo.

Fomos muito bem recebidos. Um jogo que não foi fácil, atendendo à capacidade física e futebolística do adversário. No entanto, chegámos ao intervalo a ganhar por 0-1. No decorrer da segunda metade, fizemos as respectivas alterações, de onde saiu «Joaninha» que, só à sua conta, bisou. Ricardo Sérgio e Agostinho, também fizeram o gosto ao pé. Já Abílio, está a jogar muito e bem, tendo sido ele a inaugurar o marcador.

Acabámos por construir mais um resultado positivo, apesar de dois

golos escandalosamente falhados: um de Agostinho e outro de André «Espanhol». Mesmo assim, 2-4, foi o resultado final.

AGRADECIMENTO — O desporto, na Casa do Gaiato, não passa despercebido a muitos e muitos dos nossos Amigos. A prova cabal disso mesmo, é este cheque, de 99 euros, e mais uma carta cheia de carinho, que nos foi enviada pela nossa querida Amiga, D. Fernanda do Carmo Carnot Morgado, de Setúbal. O nosso muito obrigado. Já tinha mandado 20 euros para meia bola, agora mandou mais este para a outra metade, não de uma, mas de muitas bolas. Também nos mandou um livro com dedicatória, que guardamos como recordação. Bein-haja, pela sua dedicação à Obra da Rua. □



D. Teresa

O Senhor a chamou. O chamamento derradeiro e definitivo: «Vinde, benditos de Meu Pai...»

Naquele tempo Pedro disse a Jesus: «Aqui estamos nós que deixámos tudo e Te seguimos.» Jesus retorquiu: «Em verdade vos digo: Quem tiver deixado a casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, os filhos ou campos por Minha causa e por causa da Boa Nova, receberá cem vezes mais agora, no tempo pre-

sente, em casas, irmãos, irmãs, mãe, filhos e campos, juntamente com perseguições, e no tempo futuro, a vida eterna.»

Outros chamamentos lhe foi o Senhor fazendo ao longo dos seus anos.

Com 24 anos deixou a casa paterna e com 31 anos começou a receber o cêntuplo na nossa Obra.

Foram depois 55 anos a cuidar dos filhos que Deus lhe deu, quase todos passados no Lar de Setúbal.

A missão desta Senhora, e de todas as que o são na nossa Obra, foi ser mãe. Esta mis-

são brota daquela outra que Jesus atribuiu no momento decisivo para a humanidade: «Eis aí o teu filho... Eis aí a tua mãe.» Uma dupla relação que nasce como fruto da Cruz, querida por Deus.

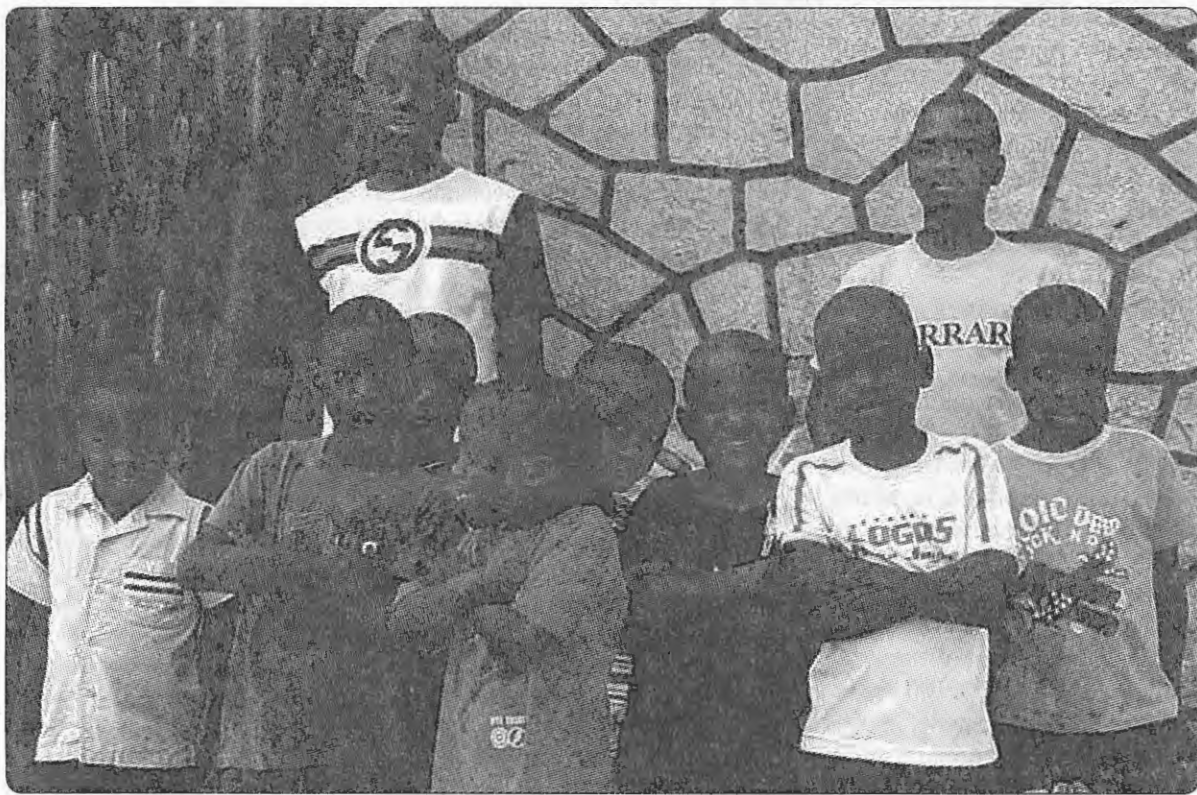
D. Teresa foi mãe, de crianças que a não tinham. Cumpriu a missão. Agora recebe o fruto da promessa. Deus não falha!

O cerne da vida da Obra da Rua é este: a família. Tal como toda a família que se constitui, e que a partir daí começa a aprender a ser família, cada membro no que lhe é específico por natureza e vocação, assim também na nossa Obra. Uma aprendizagem que vai transformando o ser de cada um, até que se dê a consumação da entrega. Neste viver, o sabor da Cruz sempre tão presente, transporta consigo tantas vezes uma aparência de derrota. Mas basta confrontá-lo com o que vem do mundo, para nele pressentir a sua força de vitória.

«Vale a pena trabalhar a vida inteira por uma vida gloriosa.» (Pai Américo) □

BENGUELA

Padre Manuel António



Para uma solução correcta do problema das crianças, devemos entrar no seu coração para saber o que, na verdade, é melhor para elas.

Comprometimento

O tempo vai muito seco. Os campos, nesta zona, necessitam da água da chuva para terem vida. Estamos tristes, porque vemos os animais a morrer, por falta de pasto, nascido e criado com a água da chuva. Por outro lado, têm chovido muitos pedidos para a entrada de crianças na nossa Casa do Gaiato. Vêm de Luanda, do Lubango e doutras terras, com centenas de quilómetros de distância. De longe e de perto, também. Antes de tomar qualquer decisão, o ideal seria ver e estudar o ambiente em que vivem. Para uma solução correcta do problema das crianças, devemos entrar no seu coração para saber o que, na verdade, é melhor para elas. Estou a ver aqueles dois irmãos, contentes, a viver com a avó que ainda tem forças para os criar. Dar-lhes-emos, contudo, a ajuda necessária para crescerem felizes, no ambiente que tem o sabor da família natural que os ama.

No princípio do próximo ano, com a saída dalguns rapazes para a sua autonomia, outros ocuparão os seus lugares. Deste modo, faz-

se a circulação da vida, em nossa Casa. Uma das metas do serviço educativo é, precisamente, a autonomia do educando, até onde for capaz. Por isso, a busca do emprego, como condição fundamental, é uma das ocupações da nossa vida, neste momento. Andamos com muita esperança, graças ao bom acolhimento que recebemos. Quem nos dera, por outro lado, que os próprios rapazes correspondam, sempre, à expectativa dum bom sucesso! Levam consigo um nome e uma família de irmãos, muito numerosa, que os compromete. Procuramos ajudá-los a entender o elevado grau de responsabilidade individual e colectiva que pesa sobre eles. Nunca é demais!

Quando estas Notas caírem debaixo dos vossos olhos, o Natal estará à porta. Quem dera a preparação que estamos a viver fosse, de verdade, tempo de transformação pessoal e familiar! Mais amor autêntico! Que nos impede de ver e amar o irmão que nos bate à porta? Que vive nos bairros? Que clama a pedir socorro para uma aflição inesperada? E muito

mais! Antes de subir para me sentar a escrever-vos o que diz o meu coração, chegou um jovem, agarrado à sua muleta, a pedir ajuda para o funeral da sua irmã, sem mais ninguém. Pouco tempo antes, foi o pedido semelhante, mais volumoso, para resolver outro problema grave. Quando a verdade aparece nua e crua, como podemos resistir? Abrir as mãos e dar é a resposta.

O Natal está à porta. A propaganda comercial não tem limites. Os pobres não têm dinheiro para ir às lojas, aos supermercados. Diante dos meus olhos vejo a multidão com os olhos postos em nossa Casa. Há-de levar a cesta à cabeça com o mínimo necessário para a Festa. É o fruto dos vossos dons: «Antes que tudo o que é mundano, efêmero, me distraia e distancie do caminho certo, peguei neste papel e vou já enviar um pequeno contributo para mitigar um pouco essas tão grandes necessidades, muitas delas criadas pelo egoísmo humano». Foi recebido. É verdade que ficamos mais ricos com o bem que fazemos aos nossos irmãos em qualquer parte do mundo. O Natal é a Festa do Amor! Muita Paz e Alegria! □

DOCTRINA

Pai Américo

«O que é insensato segundo o mundo, escolhe Deus para confundir os sábios»



RECEBEMOS aqui um rol de cartas durante o ano, sobre a função social da Obra da Rua. Quase todas vêm a dizer que sim; mas de onde em quando, aparece uma a dizer que não. Era assim a derradeira. Que não. Que não pode vingar a Obra. «V. não se faz rodear de especialistas.» É a técnica. Na verdade assim é. As empresas requerem os seus técnicos. Os especialistas são necessários, e marcam presença nos Bancos, Minas, Indústrias, Comércio, Navegação — tudo quanto diz respeito ao alongamento do reino do mundo. Até nas grandes conferências internacionais a que andamos agora afeitos, também a essas, pelo que dizem as gazetas, assistem peritos, cada um na sua especialidade. É a técnica.

PORÉM, quando se trata de Obras desta natureza, não é assim. Não há especialistas. «Onde está o sábio? Onde o doutor? Que é do investigador?» Estas perguntas são do Apóstolo, aos sábios do seu tempo. Outro hemisfério. Outra técnica. «O que é insensato segundo o mundo, escolhe Deus para confundir os sábios. O que é vil e fraco e desprezível, escolhe Deus para destruir as coisas que são grandes.»

EIS aqui o sábio. Eis aqui o especialista. Já temos alguns na Obra e outros hão-de vir, a seu tempo. O mundo é que os não compreende. Quere-os à sua imagem e semelhança. Não pode ser. É necessária a «loucura». Tem de «enlouquecer» quem entrar pela porta das Obras onde se vive e pratica o Evangelho. É preciso que esses especialistas se gloriem no Senhor e jamais nos seus conhecimentos. Se assim não acontecer eles incham, incham, incham... e adeus Obra.

ESTA doutrina é certa. A história da Igreja está cheia de casos. Que preparação tinha Francisco de Assis? Nenhuma. «Enlouqueceu!» E João Bosco? Morreu ontem; e contam-se pelas estrelas as crianças salvas na Obra que ele deixou! Eu já vi no Pinheiro Manso, velhinhos e velhinhas deitados em leitos imaculados, com travesseiras de penas. São centenas em todo o mundo, as casas iguais àquela. As Irmãzinhas dos Pobres são as servas dos Pobres. Não há criados. São elas e mais ninguém. Perdem a pátria. Perdem a família. Perdem a vida. Quem é que fundou esta Obra tão sublime? Qual a técnica? Nada. Ninguém. Uma Criada de servir! «Enlouqueceu» e andou prá frente!

UM episódio: Há dias, no Porto, um súbdito de França, desamparado e envelhecido, tinha uma cama no Pinheiro Manso, sim, mas que fazer a um seu neto? Ele era duas vezes filho; como abandoná-lo? Não o abandonou. Deram o derradeiro abraço no Consulado Francês e cada um seguiu o seu caminho: avô, Pinheiro Manso; neto, Casa do Gaiato.

ESTAS coisas humanas e piedosas deviam ser levadas à Assembleia dos Grandes, como contra-veneno das técnicas e das especialidades e dos sábios do mundo. Uma vez que este periódico é lido e relido por nobres e plebeus, não quero que ele seja oráculo de deuses falsos. Ora a verdade é que apraz à Sabedoria de Deus salvar os homens pela simplicidade do Evangelho, servindo-Se para isso de pessoas «idiotas». Porque, naquele tempo, «os judeus pediam milagres e os gregos ciência» e hoje os senhores doutores querem ver doutores nestas Obras. Cuidam que são Grémios! É a confusão de sempre.

Do livro Doutrina, 1.º vol.

MOMENTOS

Padre Acílio

Nininhas

Com um grupo de gaiatos saídos há pouco tempo da casa, apareceu no meio deles.

Não o conheci, tal o seu bom aspecto.

Agora com 23 anos, vinha cumprimentar-me e agradecer quanto sofri por ele.

Só Deus sabe do que foi vítima: Dele, da legislação, do tribunal, dos tios e do Centro de Acolhimento onde o iam matando com sedativos.

Como a Casa do Gaiato suportou tudo silenciosamente.

A sua vida daria um livro que nunca escreverei; mas o equilíbrio daquela tarde foi o mais reconfortante bálsamo da minha vida!...

Que Deus seja bendito.

Senhor do Domingo

Foi assim que a Isaura — mãe dos pequeninos cá em casa — me entregou um envelope: «É do senhor do Domingo». Desde que para aqui voltei, este homem aparece ao domingo pelas três horas da tarde, discretamente, sem aparato, nem no carro, nem no vestir. Aproxima-se e pede com simplici-

dade que eu aceite o seu envelope, depositando-o na minha mão.

São sempre cem, ou cento e dez euros.

Transparece uma humildade em todo o seu aspecto!

Como agora pouca gente nos visita para deixar algum dinheiro, e durante todo o Verão, nunca falhou naquele santo dia, e mais, como não sabemos nem o seu nome, nem a sua família, nem a sua morada, é conhecido entre nós como «O senhor do domingo».

Temos a certeza que é mesmo O SENHOR que nos encoraja, visita e ajuda. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTE Património vai chegar aos olhos dos leitores nas vésperas de Natal. Parece que devia passar a Festa para, depois, declarar a recepção dos presentes ao Menino Deus. Julgo, no entanto, que cada esmola enviada, desta forma, para os pobres, é um forte anúncio não só do Seu nascimento mas ainda mais da Sua presença viva no coração dos meus leitores.

Uma prova natalícia!

A Maria Susana, de Castelo Branco, escreveu-me no dia de Todos-os-Santos a dizer que Jesus está sempre com ela. Também creio pois todos os meses me envia 50 euros.

De Via Longa, a Marília "tem uma grande predileção pela leitura do Património dos Pobres, mas nem sempre pode ajudar", 20 euros.

Um juiz-conselheiro, jubilado, manda muitas vezes e, agora: 100+250 euros.

Misturado com uma oração "para que Deus sempre me acompanhe", 150 euros de um médico.

Ponte de Vagos, alguém que já passou necessidade, 100 euros, por duas vezes, em duas cartas.

Mais um assinante que "há uns anos acompanha o nosso viver e sofrer pelos rapazes", 150 euros.

De Braga, 40 euros. De Arouca, senhora "que quer entrar nesse projecto", 50 euros: "Que a minha reforma é muito pequenina".

Maria João, de Paço de Arcos, manda um cheque de 150 euros e a Maria Narciso, do Porto, outro com a mesma quantia.

Maria Alice envia 500 euros, dizendo: "sinto obrigação de contribuir com uma oferta".

"Leio sempre com muito interesse a rubrica Património dos Pobres", diz o Ramiro, da cidade Invicta.

Em Coimbra, o Património tem alguns devotados amigos bem atentos: "Queridos amigos vocês têm o condão de me inquietar. Quem me dera poder ajudar mais! Até na Igreja se gasta tanta coisa supérflua", 30 euros.

Assinante 25199: "uma gotinha muito pequenina, sem recibo nem agradecimento", 50 euros.

Carregal do Sal: "unida aos pobres em Cristo", 100 euros. Maria Graziela, 30+40 euros.

Assinante 22.890: "Que bom ler o Património dos Pobres no nosso querido Gaiato", 50 euros.

Vila Nova de Gaia: 150 euros com "imensa pena, que não tenho possibilidades de enviar mais".

"Em memória do seu tio", um padre amigo dos pobres, 300 euros.

Assinante 30830: "são mil euros que retribuo ao senhor, pois nunca me fez falta, e que tenho a felicidade de partilhar com quem tem menos que eu".

De Cortegaça a pedir anónimo: "Tirado à minha pequena pensão", 50 euros.

"O Património dos Pobres é uma obra verdadeiramente admirável", sobretudo porque actualiza, e de muitos modos, sem cansaço, o óbulo da viúva que tanto animou Jesus.

Alfredo da Amadora, transfere 500 euros, com afecto fraternal.

De Gavião, 100 euros.

De Mira, com amizade, 100 euros várias vezes, e mais 210, numa iniciativa de muito agrado à Pobre de Nazaré no mês de Outubro. Esta assinante pôs junto à imagem uma cestinha, para os pobres, e colheu 180 euros. Ela acrescentou, da sua estreita economia, mais cinquenta.

Mãe que tem os filhos no Canadá, em lugares de relevo, 50 euros, várias vezes, sempre com o coração a chorar por eles.

Mais 150 euros "para a renda da casa daquela senhora que vive com a filha, e os rapazes da Casa do Gaiato, tornaram habitável".

De Leça do Balio, 15 euros. De Castelo Branco: "Uma pequena migalha para os mais necessitados", 2.500 euros.

Rua Soldados da Índia, Lisboa, 100 euros. Granja do Ulmeiro, 50 euros.

Novamente de Coimbra: "Uma ajudinha para a compra da casinha do antigo gaiato", nove mil euros.

"Leitora assídua de Lisboa: Deus o ajude, que está na primeira linha, representando-nos junto dos pobres", 300 euros.

Mais Coimbra, com 1.000+100+50 euros. Maria Elvira de Sintra, 1.000 euros.

Lisboa, 100 euros: "uma gota de água", da assinante 23587, a qual pediu a alguns familiares e juntou 100 euros, e da mesma cidade o assinante 78772 com a esposa, 250 euros.

Estremoz, 50 euros.

Um gaiato antigo pondo-me sempre ao corrente da sua vida e da família, manda muitas vezes 100 euros.

De Mosteiró, 160 euros. Tábua, 100 euros. Rua Infanta D. Maria, Coimbra, 100 euros, todos os meses.

Com devoção o Luis Filipe do Porto, quinze mil euros. 30 do Seixal. A tratar-me por "querido amigo", de Portimão, 100 euros.

Outra Maria Graziela, ambas de Lisboa, 45+40 euros.

Maria Alice, 150 euros. Maria Teresa, de Coimbra, a brincar comigo ralhando: "por ter fugido para Setúbal", 100 euros.

Porto, Dolores, 100 euros: "Não posso exprimir quanto admiro e me sensibiliza o Bem da sua vida".

Berta, de Lisboa, 100 euros. Assinante 30.812: "Em dia de S. Martinho escutei a voz de Deus! Dar tudo é dar a vida pelos pobres. Isso não sou capaz", 500 euros.

Do Adelino de Coimbra, 1.320 euros. Assinante acolhido num Lar de Terceira Idade de Leiria, 100 euros. Idem, "a pedir a Deus e a Nossa Senhora por nós".

"Não me canso de ler o vosso jornal", 50 euros. Loures, 10 euros. S. Mamede Infesta: "com o coração cheio de tristeza e aflição", 35 euros. Maria Luísa de Paço de Arcos, 150 euros. Mais Coimbra, 300 euros, da Maria Teresa. Quarteira, duas vezes 50 euros; 500, do Joaquim, do Porto e 200, do Ramiro, da mesma cidade.

Brevemente direi mais, pois deixo ainda um montão de cartas e este já vai longo.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □

A Caridade na Verdade

A encíclica é toda ela um cântico ao Homem, a criatura central e pre-dilecta de Deus, que Ele quer colaborante e envolvido na realização do Seu Projecto Criador que é a Felicidade perfeita. A Sua Glória é que os homens atinjam esta Felicidade, que Lhe é própria e intocável qualquer que seja o procedimento deles — um mistério de amor que só podemos ir compreendendo e experimentando à luz do Amor que Ele é. Teresinha de Lisieux decerto tinha compreendido este mistério ao descobrir a sua própria vocação, para poder afirmar estar disposta a passar no Purgatório até ao fim do Tempo a fim de que se salvassem todos os homens.

A Humanidade, nesta hora da História, conta-se por biliões. E o somatório, desde que existe até que acabe o Tempo, é incontável para nós. Mas Deus vê como se fôssemos um só; ama cada um com uma intensidade que, absolutamente, não diminui o Seu amor ao outro. Por isso é afirmado, a abrir este capítulo VI e último, que «o desenvolvimento dos povos está intrinsecamente ligado com o desenvolvimento de cada indivíduo, pois, por sua natureza, a pessoa humana está dinamicamente orientada para o próprio desenvolvimento. Não um desenvolvimento garantido por mecanismos naturais; (...) nem à mercê do nosso capricho. (...) O desenvolvimento da pessoa degrada-se se ela pretende ser a única produtora de si mesma. De igual modo degenera o desenvolvimento dos povos se a Humanidade pensa que se pode re-criar valendo-se dos 'prodígios' da tecnologia; tal como o progresso económico quando se abandona aos 'prodígios' das finanças para apoiar instrumentos artificiais e consumistas. Perante esta pretensão, devemos robustecer o amor por uma liberdade não arbitrária; (...) é preciso que o homem reentre em si mesmo para reconhecer as normas fundamentais da Lei Natural que Deus inscreveu no seu coração.»

É na sua consciência, pois, no reconhecimento claro e assumido das suas limitações, que os homens hão-de procurar a «pedra angular» da sua colaboração no desenvolvimento, no progresso do mundo que Deus quer em ordem à «nova Terra» de que nos fala a Escritura. O obstáculo é, como no princípio, o «orgulho, um ciúme de Deus: ser como Ele, mas não a partir d'Ele; ser sem Ele; poder ser contra Ele». Por isso, Pai Américo na prática da Sabedoria que lhe foi dada, ele próprio um obreiro dessa «nova Terra» onde reine a Justiça e a Paz — resumiu a condição sine qua non da fecundidade de todos os obreiros: «Sem Humildade, nada!»

Neste capítulo VI, a encíclica debruça-se sobre «o progresso tecnológico com as suas deslumbrantes aplicações no campo biológico». Sublinha que «a técnica se insere no mandato de 'cultivar a terra' (Gen. 2-15) que Deus confiou aos homens para reforçar aquela aliança entre o ser humano e o ambiente em que se deve reflectir o Seu amor criador». Mas previne que: «A liberdade humana só o é propriamente quando responde à sedução da técnica com decisões que sejam fruto da responsabilidade moral (daí a urgência de uma formação para a responsabilidade ética no uso da técnica); e o desenvolvimento é impossível sem homens rectos, sem operadores económicos e políticos que sintam intensamente em suas consciências o apelo do Bem Comum.»

Repare-se no contraste entre estas advertências da encíclica e as realidades que se vêem e vivem por aí... à face do mundo!

Há uma palavra também para a Comunicação Social: «Tais meios podem constituir uma válida ajuda para fazer crescer a comunhão da Família Humana no respeito pela diversidade das sociedades, quando se tornam instrumentos de promoção da participação universal na busca comum daquilo que é justo». Para o serem — permito-me eu resumir — é necessário que os seus agentes sejam pessoas de carácter, livres de interesses que não sejam a verdade do que expõem, a justiça que defendem, o Bem Comum como objectivo final.

E termina a encíclica com uma chamada de atenção para «a realidade antropológica em que radicalmente se tornou a Questão Social» (Paulo VI). Esta diz respeito ao Homem — corpo e alma — e nunca alcançará uma resposta adequada se omitir na sua problemática o ser espiritual que o Homem é. Atentemos: na «alienação social e psicológica e as inúmeras neuroses que caracterizam as sociedades opulentas. (...) As novas formas de escravidão da droga e o desespero em que caem tantas pessoas. (...) O vazio em que a alma se sente abandonada, embora no meio de tantas terapias para o corpo e para a mente.

(...) O desenvolvimento do homem e dos povos (...) requer olhos novos e um coração novo capaz de superar a visão materialista dos acontecimentos humanos e antever no desenvolvimento um 'mais além' que a técnica não pode dar. Por este caminho será possível perseguir aquele desenvolvimento humano integral que tem o seu critério orientado na força propulsora da Caridade na Verdade.»

Padre Carlos

70 ANOS DA CASA DO GAIATO DE MIRANDA DO CORVO

5 a 12 de Janeiro:

17.00h — Abertura

— Exposição 70 anos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (7 de Janeiro) e 25 anos da Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro (6 de Janeiro), na Biblioteca Municipal Miguel Torga, próxima da Igreja Matriz.

10 de Janeiro, Domingo:

10.00h — Eucaristia, na Capela da Casa do Gaiato;

15.00h — Colóquio, na sala de cinema de Miranda do Corvo, junto à Estação.

31 de Janeiro, Domingo:

15.00h — Festa-Encontro, no salão de festas, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Nós podíamos ser simplesmente o pregador de uma doutrina e já isso era muito; mas não. Nós vamos mais longe. Nós abrimos e mantemos e educamos no amor de família as crianças sem família. O rapaz sujo, o malcriado, o repulente, o vicioso; aquele que não tem no mundo quem por ele se interesse — eis o nosso rapaz. Esse pertence à nossa Família. □